

RESENHAS





UM REMIX É UM REMIX É UM REMIX É UM REMIX

Cicero Inacio da Silva*

O livro mais recente de Eduardo Navas, ainda sem tradução para o português, é uma delicada reflexão sobre nossos tempos de apropriação, questionamento da autoria, produção colaborativa, coletividade não nomeada, entre outros conceitos que hoje estão na pauta de qualquer um que queira pensar sobre a influência dos processos eletrônicos, digitais e computacionais na criação artística e na mediação cultural. O livro *Teoria do remix: a estética da sampleagem* conta com uma apresentação, quatro capítulos e uma conclusão e é um apanhado bastante aprofundado sobre o tema do remix, fruto de um doutorado de seis anos do autor na Universidade da Califórnia em San Diego sob a orientação de Lev Manovich.

DO REMIX

Navas desdobra pela primeira vez uma análise do que se convencionou chamar remix, pondo-o em diálogo com a história da cultura e a representação musical. De acordo com Navas, o remix, como efeito de uma condição de deslocamento de materialidades, pode ser analisado como um "derivado" da análise da dissolução do objeto na arte. O remix seria, nesse caso, um fenômeno fruto de uma condição que teria sido imposta pela rápida ascensão dos processos elétrico-computacionais na estética musical de certa música pop. Os temas de que tratam os primeiros experimentos no campo do remix são, muitas vezes, recursividades que fazem uma homenagem, ou até mesmo uma ironia, ao ato criativo do autor remixado. Em outros casos, além de uma "releitura" da criação original, o remix propõe uma crítica construtiva, que em certos momentos amplia o campo de ação do artista base de um remix. Navas também analisa o fato de que, em muitos casos, os artistas não tinham autorizado o remix que os tornara famosos e, como reação, acabaram aceitando a popularidade repentina sem nem mesmo criticar o processo pelo qual uma base musical de sua autoria tornou-se um *hit* à sua revelia. Navas também apresenta os primeiros campos em que o

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

remix surge. São eles: música, vídeo, cinema, culinária, moda e arte. Contudo, o autor aponta que foram somente os fenômenos musicais e os de vídeos processados por *samplers* e por Djs que acabaram tornando notória a atividade de um artista do remix no campo da arte, da música e do vídeo, isso também por causa da recente onda ligada às novas mídias e ao processamento de sinais sonoros e visuais por meio de sistemas digitais baseados em computação. Navas também argumenta que, como uma forma de discurso, o Remix afeta a cultura de maneiras que vão além de uma simples recombinação de materiais e o insere em uma certa cartografia das representações que tentam superar a reprodutibilidade mecânica incorporando processos digitalizados na reprodução, o que, de certa forma, facilita a cópia e a reprodução de materiais, suspendendo a origem de suas materialidades. Contudo, o remix não é só uma operação benjaminiana de apropriação reprodutiva técnica derivada de um apanhado tecnológico. Ela opera em elementos que suplantam as concepções de sujeito, identidade e subjetividade, e retomam a velha discussão barthesiana e foucaultiana do autor da obra. No remix o autor sempre está morto, mas ele revive não quando a música ou o vídeo tocam, e sim quando um dado "autor", dessa vez o DJ, o VJ ou o cozinheiro, opera um dado conjunto (um *set* de música ou um prato inventado) e produz um resultado quase mágico.

REMIX: UMA HISTÓRIA CULTURAL

A análise histórica de Navas também é bastante primorosa, com uma sistematização bibliográfica do assunto muito precisa e ampla. Navas apresenta ao leitor, de maneira didática, os primeiros efeitos de remix criados por Tom Moulton, que inventa um fenômeno largamente utilizado na música eletrônica, os *breakdowns*, aquele efeito de desconstruir a música e deixar somente pequenos elementos que a compõem rodando ao fundo. Normalmente um *breakdown* retira a sonoridade de instrumentos como baixos e guitarras e deixa somente o vocal com uma batida de algum ritmo eletrônico inserido ao fundo, pondo em evidência uma dada sonoridade que antes não era percebida no conjunto da música. Um dos primeiros artistas do remix é Shep Pettibone (<<http://www.youtube.com/watch?v=KahhJpppf10>>), que consta como um dos primeiros a remixar *hits* famosos, como a música "True faith" da banda New Order.

TEORIA DO REMIX

A pesquisa de Navas também aponta para uma sistematização metodológica do remix e propõe três grandes eixos de análise. O primeiro formato de remix seria o chamado remix estendido, cuja primeira experiência, segundo Navas, é o remix da música "Ten percent", da

banda Double Exposure, remixada por Walter Gibbons em 1976 (<<http://youtu.be/ttc1jfrx-pvE>>). A ideia por trás do remix estendido é que os DJs pudessem ter um "elemento musical de base" para executar algumas variações nas pistas de dança. As músicas remixadas nesse formato chegaram a ter de 15 a 30 minutos. A segunda forma de remix é a seletiva, que consiste em "selecionar" trechos específicos das músicas ou de algumas sonoridades e criar uma outra variação, adicionando ou subtraindo significativas partes da música. A primeira música remixada dessa maneira foi "Paid in full", de Eric B. & Rakim, remixada por Coldcut em 1987 (<<http://www.youtube.com/watch?v=aWu0ciM-E5Q>>). A terceira e última forma de remix é a reflexiva. A concepção central dessa "estrutura" do remix é criar alegorias da própria estética do *sampler*, fazendo que a versão remixada desafie a "aura" da versão original e ganhe vida própria como sendo uma "nova" representação. Nessa forma de remix quantidades significativas de partes de outras músicas e sonoridades são adicionadas ao tema principal, mas os criadores desse formato de remix preferem sempre manter intacto o ritmo base, para que a música base seja sempre reconhecível. O remix que "inicia" essa forma de edição é *No Protection* (<<http://goo.gl/H4t4t>>), de Mad Professor, que executa uma variação considerável na música "Protection" da banda Massive Attack. Nesse caso específico, as duas músicas foram consideradas pela crítica especializada como "músicas" separadas, não tendo uma relação com a outra.

REMIX X AUTOR

O trabalho de Navas ajuda a elucidar um campo ainda em desenvolvimento e que muito provavelmente será tema de inúmeros e necessários debates sobre criação artística, gênio, autor e autenticação. O remix trata, em resumo, segundo Navas, dessa materialidade resultante do ato criativo que distingue o vivo do morto, que de certa forma é uma operação de existência e é o que dá sentido a um material que estaria sempre confinado a uma significação única e estática, mas que contemporaneamente é dado quase como uma "oferenda" a um observador-fruidor (não mais o *flaneur*). E esse ato de oferta, de trabalho criativo sobre a memória alheia se traduz na apropriação de um momento e na sua reinstalação subjetiva em outro espaço de uma memória verdadeiramente falsificada. Quando uma sonoridade de um *sampler* da voz de um cantor de samba é inserida em uma batida digitalizada de um jogo de videogame que traz à tona elementos de uma *performance* dançante única, a fruição dessa sonoridade só será possível se esse "espectador" não mais se deixar encapsular por uma ideia única de existência ou de rigidez de uma representação cultural. Se assim for, então o remix terá tido o efeito esperado. No entanto, se o resultado não promove essa forma de interação com o ouvinte-fruidor, a aposta do ato criativo da *sampleagem* terá dado em nada. Por isso, ao ler o trabalho de Navas, também é necessário fazer uma profissão de fé na

criação e na invenção colaborativa. E esse ato de doação é essencial para que o remix seja entendido como uma nova forma de invenção, como uma nova forma de doação de algo vivo a algo morto, enfim, como uma forma de diálogo vivo entre o passado e o presente de quem não quer que o que se foi fique sempre como está.

+ SOBRE REMIX

O tema remix possui muitas e variadas vertentes de leitura na internet. O próprio site do autor, Eduardo Navas, é rico em textos, vídeos, músicas e outras formas de remix: <<http://remixtheory.net/>>. Outro trabalho, muito menos sofisticado e até um pouco naïf sobre remix é o "filme que se quer documentário" on-line de Kirby Ferguson Tudo é Remix (*Everything is a Remix*), editado em quatro partes e disponível integralmente no Vimeo (<<http://vimeo.com/14912890>>).

NAVAS, E. *Teoria do remix: a estética da sampleagem*. Viena: Springer, 2012. 230 p.